

XVII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PAÍSES LATINOS DA EUROPA E AMÉRICA – COMITÉ DE INTEGRACIÓN LATINO EUROPA AMÉRICA (CILEA)

Europarque – Santa Maria da Feira – 7 de Novembro de 2008

Resumo dos painéis e conclusões

1.ª SESSÃO – OS PROFISSIONAIS DA CONTABILIDADE NAS PME

Tema 1 – A importância da Contabilidade nas PME – Manuel Caseirão (Portugal)

Definição de PME (baseada na recomendação da Comissão Europeia Nº 2003/361/CE, de 6 de MAIO, e no DL 327/2007, de 6 de Novembro, entre outros), concluindo-se que em Portugal 99% das empresas são PME, das quais mais de 90 % são micro empresas e são responsáveis por 75% do volume de emprego. Uma das características fundamentais dos trabalhadores destas empresas é a sua polivalência.

O governo da sociedade tem uma bússola que é a Contabilidade, que conduz a uma melhor gestão, permite a medição do desempenho, reforça a capacidade competitiva e facilita o acesso ao crédito.

Contabilidade é ainda uma testemunha dos conhecimentos históricos e permite perspectivar o futuro.

Tema 2 – Que modelo de profissional – Ezequiel Fernandes (Portugal)

Partindo do enquadramento socioeconómico das PME e das suas necessidades de informação, procurou encontrar o perfil do TOC para concluir:

- É o profissional que transforma dados em informação útil e inteligível.
- As principais linhas de força da sua acção são o conhecimento, a inovação e a tecnologia, bem como a tempestividade.
- Assume uma atitude de parceria da tomada de decisão, com poder de antecipar ajustamentos.
- Tem responsabilidade acrescida pela satisfação do interesse público do seu trabalho.
- É-lhe exigida uma sólida formação de base e actualização constante.
- O Técnico Oficial de Contas é um agente tradutor da mudança

Tema 3 – Os profissionais e as novas tecnologias – Francisco Regateiro (Portugal)

Foi realçada a importância dos Sistemas de Informação. A informática permitiria reforçar a competitividade e ser vector fundamental da estratégia empresarial; providência e trabalha a informação, reduzindo a complexidade da gestão.

2.ª SESSÃO – A CRIATIVIDADE NAS PME

Tema 1 – As PME e a evolução dos mercados – Daniel Bessa (Portugal)

Foi apresentada a visão macroeconómica e o enquadramento das PME nesta visão, com ênfase nos Mercados Financeiros.

Apresentou-se uma abordagem da conta de exploração em 3 grupos: operacional, proveitos e custos e financeira.

Salientou a ideia de que o crescimento económico tem de ser pelas exportações pois pelo consumo não é crescimento sustentável. Portugal tem em matéria de custos industriais uma posição favorável mas a crise financeira não nos escapa, contudo, esta posição pode ser indutora da transferência de empresas nomeadamente de Espanha para Portugal.

Tema 2 – As PME como factor de criatividade – Armindo Monteiro (Portugal)

Estamos na época de todos os medos. Repensa-se o modelo com preocupações de sobrevivência; gerem-se emoções; temos de fazer mais uso da razão em vez da emoção. Em relação á sobrevivência na relação com o Estado a possibilidade passa pela sua intervenção directa ou através dos mecanismos reguladores.

O regresso do Estado pode constituir uma ameaça. O problema do sistema financeiro não teve origem nas PME; esteve nas “gulosas” aplicações financeiras.

O dinheiro emprestado às PME está registado nos seus balanços e está materializado nos seus activos produtivos.

A estratégia anticrise é a aposta forte nas PME como factor de criatividade. É necessário reintroduzir a ética nas organizações, pois gera a confiança imprescindível aos negócios. Há que subir na cadeia de valor. Os Técnicos Oficiais de Contas ocupam uma posição privilegiada que lhes permite ser os primeiros a antecipar o futuro, e face à confusão de interesses em presença no mundo das PME, serem os mediadores destes interesses divergentes.

Tema 3 – As PME como contributo para a investigação e desenvolvimento – Marin Toma (Roménia)

Caracterizou o tecido empresarial Romeno apresentando as PME como o maior criador de emprego; integraram a maior parte do pessoal derivado do processo de privatizações.

A estratégia passa pelo fortalecimento das relações entre as PME e os grandes grupos.

Atitude que o Estado apoia com várias medidas como por exemplo a criação de fundos de garantia do tipo “risco de nova empresa”, para garantir o risco que correm as grandes empresas ao aceitarem como fornecedores as jovens empresas. As PME são fonte e beneficiários da investigação e parceiros com universidades e centros de investigação.

3.ª SESSÃO – A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO NAS PME

Tema 1 – As necessidades organizacionais das PME – Helena Oliveira (Portugal)

Apresentou-se a história e o diagnóstico e tirou-se as seguintes conclusões:

- A PME necessita de uma reestruturação para se desenvolver;
- A Empresa Família possui recursos intangíveis importantes e uma perspectiva de longo prazo;
- Tem problemas específicos como por exemplo os da sucessão associados aos interesses Família/Empresa;
- A organização é vista como um conjunto complexo de elementos;
- Frequentemente surgem falhas na aplicação de teorias organizativas;
- São também ampliados os problemas de controlo quando as normas da empresa e da família estão em conflito, com implicações emocionais de difícil gestão.

Tema 2 – A Contabilidade como elemento fundamental da Gestão – Norberto Barbieri (Argentina)

Apresentou a PME como factor de desenvolvimento e deu a conhecer a experiência Argentina que vive um ambiente em contexto da Contabilidade burocrática virada para as finalidades fiscais que não presta informação útil para os empresários.

Para ser um factor de desenvolvimento a contabilidade deve ser um recurso operativo – conceito de capital importância para a tomada de decisões, avaliação da empresa e satisfação das necessidades dos usuários externos. Nas médias empresas a contabilidade deve ser transformada em contabilidade como recurso estratégico.

Foi realçado a necessidade da existência de Normas de Contabilidade específicas das PME.

Tema 3 – O papel das PME na sustentação da Economia – José Maria Mendes (Brasil)

Foi feito em breve resumo de como as Micro e Pequenas empresas têm influenciado a criação de emprego e do rendimento no Brasil.

Foi criado em regime de tributação simplificado com base numa percentagem sobre as vendas e um regime de apoio ao crédito.

Foram identificados os fenómenos que motivaram a criação de PME, nomeadamente a baixa taxa de crescimento económico face ao nível de expansão que seria necessário para absorver os jovens que pretendem entrar no mercado do trabalho.

Concluiu que as dificuldades de financiamento são comuns em todos os países. As PME são a força motriz da economia. Propôs ao IASB que fossem criadas Normas de Contabilidade específicas para as PME.

4.ª SESSÃO – AS PME E A GLOBALIZAÇÃO

Tema 1 – A irreversibilidade da globalização – Francesco Serao (Itália)

Fez um pequeno enquadramento sobre a globalização e a crise financeira. A globalização foi apresentada como um problema de liberalização dos movimentos dos factores produtivos; Queremos crescer e as PME concorrem contra os grandes grupos internacionais. É um pouco como David contra Goliás. Por influência do CILEA o IFAC criou uma secção que trata exclusivamente das PME. O factor principal do crescimento é o conhecimento. A globalização é irreversível. Fez ainda a apologia do modelo latino face ao modelo saxónico.

Tema 2 – As PME como factor concorrencial – Alberto Castro (Portugal)

Iniciou a apresentação com a divulgação de um conjunto de dados e factos dos quais se realça o facto de as PME constituírem a esmagadora maioria (> 97%) das empresas na generalidade dos países, sendo responsáveis pela maioria do emprego (3/4) e parcela significativa do produto, embora com uma produtividade abaixo da média, mas com grande diversidade de situações, sendo verdadeiramente os músculos de qualquer economia. Nenhuma economia consegue ser competitiva sem PME.

Realçou ainda um conjunto de mitos, como o complexo de pequenez – dimensão não é sinónimo de eficiência, bem como crescer não é desígnio único – pois pode-se escolher a excelência em vez de ser grande. As grandes empresas (GE) aprenderam a organizar-se como as PME para serem flexíveis. As PME têm mais inovação na fase inicial. As GE e as PME têm uma mesma luta no campo da competitividade.

Tema 3 – A evolução previsível das PME – Joaquim Cunha (Portugal)

Fez notar que a globalização começou com os portugueses no século XIV. O Brasil é hoje o celeiro do mundo. As novas potências e as economias emergentes apresentam um crescimento notável. Referindo-se em concreto à evolução previsível enfatizou o facto de as PME serem os elos fracos com difícil acesso ao crédito. Anota no entanto grandes oportunidades nestes tempos difíceis que correm como sejam as actividades tecnológicas, ambientais, nano tecnologias e turismo. Nas PME os TOC são um importante factor-chave.

Tema 4 – As relações internacionais da profissão e a globalização – Valentín Rosell (Espanha) / José María Raigón (Espanha)

Após um breve enquadramento realçou a importância das relações internacionais na profissão de TOC. Enfatizou a necessidade do fortalecimento das relações dos profissionais em contexto europeu e mundial, bem como a necessidade de se encontrar uma linguagem comum para os conceitos envolventes da contabilidade e da economia. Realçou ainda a ser imperioso reforçar a perspectiva latina face à perspectiva das Normas Internacionais de Contabilidade de raiz anglo-saxónica. É importante ter uma

atitude de antecipação aos acontecimentos; o modelo actual não serve a necessidade de informação.

Conclusões e sessão de encerramento

Nos países integrantes do CILEA existe um amplo conjunto de características comuns: Predominância das empresas familiares e de micro e pequenas empresas. Foi de opinião generalizada a necessidade da regulamentação específica em matérias contabilísticas para PME, bem como a reorientação da contabilidade como instrumento de apoio à gestão.

Do ponto de vista económico-financeiro é fundamental tornar mais fácil o recurso ao mercado de capitais para apoio ao desenvolvimento às PME.

Foi consensual a relevância do papel fundamental do TOC como interlocutor privilegiado entre os empresários e as entidades com quem as PME se relacionam, nomeadamente entidades oficiais e financiadoras.

O CILEA pode e deve, dada a circunstância de representar os profissionais de 18 países, usar esta força para apresentar propostas comuns para a resolução de problemas comuns, nomeadamente um paradigma contabilístico alternativo ao modelo anglo-saxónico.

Nota:

É uma tarefa de elevado risco retirar conclusões de trabalhos apresentados por especialistas de tão elevado gabarito. Diria que é mesmo um atrevimento, mas não poderia deixar de aceder ao convite que a Direcção da CTOC me fez. Aos autores apresento as minhas desculpas pelas deficiências que encontrarão, aos que consultarem este texto, direi que é incomparavelmente pobre face às brilhantes apresentações que ouvimos no encontro.

Presidente do Conselho Técnico da CTOC – Avelino Azevedo Antão

Presidente da CTOC – António Domingues de Azevedo

Presidente da Mesa da Assembleia Geral da CTOC – Manuel dos Santos

Presidente do CILEA – Fernando González-Moya Rodríguez de Mondelo